

## VIVÊNCIAS PERIFÉRICAS: AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS EM PRODUÇÕES TEXTUAIS – ESPAÇO DE FALA, DE EMANCIPAÇÃO DO SUJEITO SOCIAL

Cristiane Rodrigues de Aquino Lima<sup>9</sup>

*Resumo:* Neste trabalho de pesquisa, tem-se como objetivo problematizar as representações sociais, como elas podem potencializar os mecanismos de produção textual de sujeitos periféricos em sala de aula. Busca-se examinar como as produções textuais podem se constituir como um espaço de fala emancipatória e de novos agenciamentos (DELEUZE e GUATTARI, 1995), a partir de sua realidade social (FREIRE, 1967). O interesse por esse assunto surgiu da inquietação como professora de Língua Portuguesa, ao observar as dificuldades que alguns alunos da educação profissional apresentam, até mesmo, resistem à produção textual na sala de aula. Tendo em vista que o letramento se refere a todo e qualquer uso que se faz da escrita em práticas sociais (BORGES e PAES, 2021) e de que diferentes vozes circulam no espaço escolar, pautou-se na seguinte questão que norteia o objeto de estudo: as produções textuais realizadas na escola por estudantes, nos permitirão identificar suas representações sociais, seus obstáculos e vivências? Nesta pesquisa, tomar-se-á como base a Teoria das Representações Sociais, pelo fato dessa teoria considerar o conhecimento

---

<sup>9</sup> Aluna do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Mestrado, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB); Linha de pesquisa: Letramento, Identidades e Formação de Educadores; Endereço eletrônico: crisaq66@gmail.com; Orientadora: Profa. Dra. M. Neuma M. Paes E-mail: mpaes@uneb.br

do senso comum, os “saberes sociais” como produto de análise e interpretação do conhecimento e também por nos fornecer bases teóricas consistentes para investigar o objeto de estudo no campo da crítica cultural. Os caminhos metodológicos da pesquisa seguem uma abordagem qualitativa etnometodológica e bibliográfica; buscar-se-á capturar pistas no universo discursivo constituído por alunos dos bairros Santa Terezinha e 21 de Setembro, periferias de Alagoinhas- BA. Para isso, utilizar-se-á como dispositivos de produção de dados, a observação direta em sala de aula e a produção de narrativas textuais. Na sequência, far-se-á a descrição para análise e interpretação dos dados, contrastando com os achados da pesquisa.

*Palavras-Chave:* Letramento. Produção Textual. Representações Sociais.

## **INTRODUÇÃO**

A Crítica Cultural emprega diversas metodologias para analisar e interpretar as manifestações culturais. Destacamos, entre outras formas de interpretação, que os estudos discursivos são utilizados para desvelar os mecanismos de poder presentes nos discursos culturais. O estudo da recepção investiga como o público interpreta e assimila as produções culturais. A análise interseccional aborda as interações entre diferentes identidades sociais, como raça, gênero, e suas influências nas produções culturais. Enfim, a Crítica Cultural nos permite compreender as produções culturais e suas implicações na sociedade. Além disso, os estudos sobre estruturalismo, pós-estruturalismo e humanismo nos arrebatam e nos colocam em suspensão diante de temas envolvidos nesta perspectiva, provocando e exigindo um olhar astucioso em torno dos conceitos e interpretações sobre inúmeros autores estudados.

As leituras acerca da metodologia em Crítica Cultural, provocou em mim um esvaziamento perturbador, uma crise epistemológica desmedida, e assim, passo a relatar um pouco sobre minhas impressões enquanto estudante do Programa de Mestrado em Crítica Cultural da UNEB, Campus II, em Alagoinhas, Ba. Após inúmeras discussões e interpretações vivenciadas nos encontros do referido componente curricular, fui atraída por várias dessas leituras, de tal forma que me deixaram em suspensão, fazendo-me enxergar o mundo a partir de um outro lugar, desconstruindo os saberes que se encontravam cristalizados na minha forma de pensar os objetos.

A seguir, passo a relatar as leituras que impactaram e me fizeram ver os objetos culturais de forma diferente, a princípio cito a obra *Infância e História*, de Agamben (2005), na qual o autor faz uma referência à infância, no sentido figurado, como demarcação entre linguagem e experiência, pois, segundo ele, a experiência se realiza em nós e se configura por meio da linguagem, é na linguagem que o sujeito tem a sua origem e seu lugar próprio (AGAMBEN, 2005, p.56).

Seguindo nessa linha de raciocínio, exponho a minha experiência que se configura na linguagem, apresento o objeto de pesquisa que pretendo desenvolver no Pós-Crítica, que após muita inquietação e incertezas, durante a busca metodológica embasada no estudo Crítico Cultural, defini como objetivo principal problematizar as representações sociais, como elas podem potencializar os mecanismos de produção textual de sujeitos periféricos em sala de aula, como tornar as experiências em linguagem. Buscarei examinar como as produções textuais podem se constituir como um espaço de fala emancipatória e de novos agenciamentos (DELEUZE e GUATTARI, 1995), a partir de sua realidade social (FREIRE, 1967).

O interesse por esse assunto surgiu da minha experiência enquanto professora de Língua Portuguesa no Centro Territorial de Educação Profissional do Litoral Norte e Agreste Baiano - CETEP/LNAB, ao observar as dificuldades que alguns alunos da Educação Profissional apresentavam, até mesmo, resistiam à produção textual de qualquer gênero na sala de aula. Para desenvolver o trabalho, do ponto de vista teórico, pretendo não só me respaldar em autores que abordam a crítica cultural, mas também autores que tratam do letramento, mais especificamente da Teoria das Representações Sociais. Na observação do grupo social que pretendo estudar, farei uma abordagem etnometodológica, de modo que além da observação direta, selecionarei textos produzidos pelos estudantes moradores da Santa Terezinha e 21 de Setembro, bairros da cidade de Alagoinhas, Ba, para investigar pistas próprias de suas vivências periféricas, pois, é sabido “que a língua não existe senão tendo em vista o discurso” (AGAMBEN, 2005, p. 65).

A sensação de incerteza, de impotência, além dos deslocamentos e rupturas pelos quais passei serviram de enriquecimento, aprendizado e crescimento quando tive que pensar na proposta metodológica para o respectivo estudo. Hoje, percebo o quanto todo aquele movimento foi preciso para converter minha aspiração como lugar político. Apesar de sermos únicos (indivíduo), somos constituídos a partir de tantos outros e também constituintes daqueles outros. Há sempre um fora fazendo rizomas, fazendo outras conexões, elaborando ou reelaborando representações sociais e, conseqüentemente, nosso letramento, até porque

As multiplicidades se definem pelo fora: pela linha abstrata, linha de fuga e de desterritorialização segundo a qual elas mudam de natureza ao se conectarem às outras. (...) Uma das características mais importantes do rizoma talvez seja a de ter sempre múltiplas entradas. (DELEUZE e GUATTARI, 1995, pp. 8 e 13).

O enfrentamento das periferias para resistir as forças conservadoras e preconceituosas de grupos sociais hegemônicos perpassa por muitas décadas em nossa sociedade. Integrado a esse processo, nota-se que a cultura da periferia tem alcançado um valor ímpar nos últimos tempos, haja vista as manifestações artísticas de todos os aspectos que afloram em diversas comunidades periféricas da Bahia, do Brasil afora e em Alagoinhas, em especial. Comunidades essas diversas vezes abandonadas e caracterizadas de forma reducionista como espaços da criminalidade. Embora a periferia seja plural e heterogênea, muitas vezes, ela é esquecida nos quesitos saneamento básico e infraestrutura, bem como outras carências típicas para uma condição básica de sobrevivência. Dessas localidades emanam duras vidas, regadas de lutas diárias para sobreviver, compostas por trabalhadores, trabalhadoras e pessoas “invisíveis”, marginalizadas socialmente. Espaços de enfrentamentos, onde a violência se apresenta de maneira frequente; de sucessos e fracassos; de manifestações culturais e artísticas, com o sujeito sendo protagonista em primeira pessoa de suas experiências vitais. Soma-se, ainda, suas identidades múltiplas, com suas vivências e um saber acumulado por meio de suas representações sociais. Segundo BORGES e PAES (2021. p. 132), apoiadas em Sá (1996):

(...) as representações sociais são definidas como um conjunto de conceitos, proposições e explicações originados na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais, ou seja, é o estudo das trocas simbólicas e discursiva em que uma pessoa ou grupo de pessoas elaboram o seu conhecimento a partir do senso comum da vida cotidiana.

A palavra periferia abrange diversos entendimentos, entretanto, para este trabalho seu conceito será pautado como sendo constituições sociais, considerando a composição de grupos participantes e engajados em

movimentos socioculturais com suas características próprias, diversidades coletivas e “seus agenciamentos” (DELEUZE e GUATTARI, 1995), entendimento voltado para as “práticas e discursos de sujeitos atuantes em movimentos sociais”, segundo FARIA, PENNA e PATROCÍNIO (2015, p. 28).

## **A CRÍTICA CULTURAL: MONTAGEM E DESMOTAGEM DAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS**

O método em Crítica Cultural não se limita tão somente ao pensamento, reflexão e interpretação da verdade, segundo DELEUZE e GUATTARI, “Um conceito não exige somente um problema sob o qual remaneja ou substitui conceitos precedentes, mas uma encruzilhada de problemas em que se alia a outros conceitos coexistentes” (1995, p.30). Portanto, a investigação não procura tão somente entender o conceito direcionado à categoria gênero, mas notar que as ideias são “representações” produzidas pelo pensamento em comunicação com a realidade. A tarefa do crítico cultural, se for associada à crítica literária, oportuniza uma visão mais holística sobre o objeto de estudo, promovendo a montagem e desmontagem de textos e textualidades.

Fazendo um recorte para proposta deste trabalho, considerando as vivências periféricas, o letramento e as representações sociais dos sujeitos em produções textuais escolares, trazemos BORGES e PAES (2021, p. 129-130):

A escrita é movimento, continuidade, interação nas práticas discursivas, cotidianas, ou seja, são práticas situadas. E, como tais, precisam que a escola estabeleça uma relação de intimidade com o contexto. Isso nos permite conjecturar também, que, se a escrita é movimento e sofre influência dos contextos sociais, bem como opera e potencializa nas realidades sociais, estão

impressas ali as marcas pessoais do indivíduo e isso constitui sim as suas representações.

É dever do sistema educacional vigente estar aberto a todos os meios que possibilitem a expressão cultural, artística, de pensamentos e sentimentos dos sujeitos, indistintamente. Entretanto, torna-se necessário transformar a sala de aula em um espaço de desestruturação do discurso dominante oriundo desde o surgimento da escola, através da reflexão de problemáticas pessoais e sociais, e da reelaboração de conteúdos e práticas tradicionais que contribuam para a formação dos sujeitos. Momento que se constitui como um espaço de fala e, conseqüentemente, estímulos para a emancipação e visibilidade destes. Conseqüentemente, reforça também, uma identidade cultural fundamentada na diferença coletiva. É com base nesta realidade que se faz necessário pensar ações pedagógicas escolares, potencializando os espaços de fala e instigando o sujeito a repensar a sua própria realidade, instigando, ainda, sobre seus desafios que o limitam enquanto um sujeito social crítico, reflexivo e, acima de tudo, emancipado socialmente, no âmbito da Educação Profissional. O registro de narrativas escritas, a partir dos relatos de vivências em suas comunidades, pode ser um ponto de partida importante e enriquecedor, uma vez que o estudante traz à luz suas histórias de vida, alegrias, sabores, dessabores e seus saberes acumulados por meio de suas falas e é através desta ação que podem ser canalizadas outras habilidades cognitivas diante do processo de produção de textos de gêneros diversos. Segundo BORGES e PAES, 2021, p. 118-119:

(...) o que mais tem provocado inquietação e certo desconforto, entre os professores de Língua Portuguesa, é observar como estudantes da educação básica têm encontrado dificuldade e certa resistência em produzir textos na sala de aula. As reações dos estudantes são as mais diversas, a mais frequente é que as práticas de leitura

e escrita trabalhadas na sala de aula não são interessantes porque trazem uma realidade na qual na maioria das vezes não é aquela em que eles vivem. Em outras palavras, sugerem que o texto trabalhado pela instituição escolar é algo fechado em si mesmo sem vínculo com outros tipos de textos que possam fazer sentido e dar a ideia de pertencimento para esses alunos na sua vida prática do dia a dia.

Baseado nessa premissa, surge o seguinte problema da pesquisa: é possível identificar as representações sociais, os obstáculos e as vivências nas produções textuais de estudantes dos bairros de Santa Terezinha e 21 de Setembro, situados em Alagoinhas-Ba? Dito de outra forma, as produções textuais podem se constituir como um espaço de fala emancipatória e de novas conexões com o mundo?

Para respaldar a situação problema formulada, nos respaldamos também no pensamento de DELEUZE e GUATTARI,

(...) as multiplicidades se definem pelo fora: pela linha abstrata, linha de fuga e de desterritorialização segundo a qual elas mudam de natureza ao se conectarem às outras. (...) Uma das características mais importantes do rizoma talvez seja a de ter sempre múltiplas entradas (1995, p. 8 e 13).

Não existe um mundo pronto, existe um mundo inventado nas novas relações, nos agenciamentos, com as tramas da realidade que estão em conexões contínuas com novos arranjos para produzir novos mundos, sendo mapa e não decalque, sendo linha e não ponto, produzindo um fora como dispositivo. É neste clímax que se insere a crítica cultural.

Metaforicamente, a textura rizomática se entrelaça na língua e na linguagem dos sujeitos, conectando-os com novos alicerces para estabelecer novas relações, criando novos espaços sociais. A linguagem como rizoma, surge de uma realidade

representativa, de uma necessidade de se estabelecer novos códigos de comunicação e interação, tendo como resultado a ressignificação de seus espaços de fala, de seus locais de pertencimento junto ao grupo do qual a criou. O entrelaçamento da linguagem em sua comunidade de uso constitui resgates históricos, socioculturais, políticos e éticos fortes a ponto de promover o empoderamento de seus membros, contribuindo para sua emancipação política e intelectual.

A educação permite o contato com o outro e, automaticamente, proporciona a troca de saberes e o diálogo promovendo um olhar crítico-reflexivo para a sua própria realidade social. Assim, com base nas experiências vividas em sala de aula, faz-se necessário que o sujeito reflita sobre suas vivências e suas representações sociocultural, pois estas, podem ser o início de uma prática de escrita mais significativa, sem negar o saber sistematizado e o saber popular internalizado em cada sujeito:

A ousadia metodológica representa também uma ousadia geracional. O poema se desnuda dos seus valores intrínsecos para se tornar um mediador cultural, encorajando o leitor a negociar, durante o processo de interiorização do texto, a própria identidade com o autor. O poeta marginal é um “perigoso desviante”. (...) Dar significado a um poema, ainda que passageiramente, é torná-lo seu, indiciador de uma resposta cultural efêmera/definitiva sobre a identidade do indivíduo que o lê e do grupo que passa assim a existir. (SANTIAGO, 2004. p. 5)

O poema não compreende mais um sistema engessado, mas sim um alicerce potente no qual surgem outros sentidos, se despindo de seus arcabouços intrínsecos, transitando entre os espaços tanto do leitor, quanto do autor, e o método da Crítica Cultural incita o leitor a negociar a própria identidade, no ato da absorção do texto, que é o lugar de sua identificação, do devir,

onde algo ou alguém não se torna si mesmo a não ser em consonância com outra coisa.

Como caminhos teóricos para este trabalho, para problematizar o objeto de pesquisa, estudaremos em primeiro lugar os teóricos que nos permitirão desenvolver a crítica cultural e, na análise e interpretações dos dados levantados, tomaremos como base as teorias do Letramento alinhadas às Representações Sociais.

Serão desenvolvidas situações de ensino-aprendizagem com realizações de oficinas, atividades de leitura, uso de diversos recursos das novas tecnologias de informação e comunicação, análise e produção textual, desenvolvidas individualmente ou em geral, buscando um clima de colaboração e interação, além de aulas dialógicas com a finalidade de promover situações de uso real da língua, apresentando as várias possibilidades de formas de linguagens e de textos que se aproximem de situações sociocomunicativas reais, utilizando estratégias de leitura, discussões e produções de textos que os desafiem a estabelecer relações a partir dos vários portadores textuais. Faz-se necessário também, a realização de dinâmicas que possam aprofundar os conhecimentos dos alunos sobre os diferentes assuntos, pesquisando e dialogando entre si. Promover uma mobilização para se observar os conhecimentos prévios em relação a um determinado tema e seu saber assimilando com as experiências vividas, utilizando vários procedimentos metodológicos que os desafiem na escrita ou exposição de suas ideias acerca das mais variadas situações vivenciadas em suas comunidades.

Outra ideia importante para se refletir no tocante a construção de um método em Crítica Cultural e, assim, também, poder nortear esta pesquisa, é o pensamento de DERRIDA (2001) quando questiona a dialética, a lógica dos sentidos e argumenta sobre a subjetividade dos pesquisadores, desmontando o discurso, almejando realizar uma transferência das oposições para

além da divisão da metafísica dualista. DERRIDA apresenta um certo rompimento ao estruturalismo, segundo o autor, o jogo da estrutura - seu centro permite o jogo dos elementos no interior da forma total. No estruturalismo, o jogo é fechado. O teórico pensa tudo, bem no âmbito da linguagem, e a palavra “diferrancé” - diferença – é a marca de seu pensamento, defende que o jogo produz um resto, uma diferença e questiona o próprio termo “estrutura”. Entende que esta é uma tentativa de fixar a linguagem para evitar movimentos. A presença é uma noção da origem fixa, universal, aquilo da estrutura que pode ser encontrado como um certo padrão imutável. O outro do signo é real. Existe algo dentro do signo que é revolucionário. Considerar que tudo é linguagem, é o mesmo que colocar todas as coisas no espaço do simbólico. Tudo que é linguagem só toca a realidade, é contratual, consensual. A exemplo do termo “mulher”, que pode designar posições de mãe, esposa, filha, profissional, hétero, dentre outras possibilidades consensuais, entretanto, isso não se submete ao real. É impossível. A linguagem dá conta da realidade, mas não dá conta do real, pois este nos impõe outras coisas. Quando o real nos modifica, nós reagimos com a linguagem. O real é o inteligível e muitas coisas estão na materialidade dos discursos, mas não estão nos corpos.

Ora, a ‘língua usual’ não é inocente ou neutra. Ela é a língua da metafísica ocidental e transporta não somente um número considerável de pressupostos de toda ordem, mas pressupostos inseparáveis e, por menos que se preste atenção, pressupostos que estão enredados em um sistema. (DERRIDA, 2001, p. 25)

O autor propõe um método que tensiona ir além da dualidade, por meio da seleção do polo triturado pela tradição e a partir disso, destruir a polaridade, quando este defende que a atividade desmontada se constitui por um gesto binário: a inversão, que valida a voz do subalterno, do marginalizado, e o

deslocamento, que valoriza e ao mesmo tempo coloca em desordem, a ordem intrínseca do texto.

## **CONCLUSÃO**

Após refletir sobre os aspectos discursivos e teóricos estudados, enquanto pesquisadora da Crítica Cultural e considerando a realidade da qual faço parte, vi o quanto as leituras efetuadas no componente Metodologia em Crítica Cultural me provocaram inquietações, fazendo-me refletir sobre minha própria existência e tentar ser sempre mais, mais solidária, mais humana e, saber que a escrita precisa ter como lastro o pensamento humanista, pois os corpos que estão dentro dela é formado a partir de tantos outros, como linguagem, sentimento, imaginário, etc., e que tais corpos são, ora dóceis, ora indóceis, movido pelo controle técnico, mergulhado em um real que muitas vezes se apresenta inteligível, outras vezes ininteligível, precisando encontrar seu entrelugar neste mundo reinventado constantemente a partir das novas relações, que estão em conexões contínuas com novos arranjos, com um fora, produzindo novos mundos, diante do fluxo dinâmico de sua existência. Um real que por muitas vezes se apresenta metaforicamente pelo princípio do “menos com um” (o marginalizado) e quase nunca pela metáfora do “muitos como um” (união), sendo todos iguais e sendo todos diferentes ao mesmo tempo. Um real que urge por seres mais sensíveis e solidários.

## **REFERÊNCIAS**

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG; 2005.

BORGES, Rosiane Pimenta e PAES, Maria Neuma Mascarenhas. *Letramentos, Identidades e Formação de Educadores. Pesquisa e Formação: Práxis Pedagógica*. 1ª ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2021.

DELUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. Mil Platôs. *Capitalismo e Esquiosofrenia*. Editora 34 Ltda, 1ª Edição, 1995.

DERRIDA, Jacques. *Semiologia e gramatologia*. In: Posições. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FARIA, Alexandre; PENNA, João Camilo; PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do (Orgs.). *Modos da margem: figurações de marginalidade na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2015.

FREIRE, Paulo. *Letramento e Alfabetização*. Disponível em: < [WWW.eduquenet.net/letramento.htm](http://WWW.eduquenet.net/letramento.htm)> Acesso: 25 de maio de 2023.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

FUKUI, Regiane Cristina. *Quem sou eu? Apatridia e as (re)construções identitárias. Representações Sociais na Contemporaneidade*. Volume 6. Editora CRV. Curitiba – Brasil, 2021.

GUARESCHI, Pedrinho e JOVCHELOVITCH, Sandra. *Textos em representações sociais*. 5ª edição. Editora Vozes, Petrópolis, 1999.

LOPES, Ricardo Cortez. MARTINEZ, Lis Yana de Lima. SILVA, Jonathan Fachini da. *Um esboço de uma História Intelectual das Representações. Estudos Empíricos e Teóricos sobre Representações*. Volume 99. PACO Editorial. 2021. Jundiaí – São Paulo.

MOSCOVICI, Sergi. *Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

SANTIAGO, Silviano. Democratização no Brasil – 1979 – 1981. *Cultura versus Arte*. Belo Horizonte; Editora UFMG, 2004.